



Universidade de Brasília
Instituto de Artes
Departamento de Artes Cênicas

Adaptação para textos teatrais: experiências práticas em cursos de teatro

Taís Andrade Bizerril

Brasília, setembro de 2024

Taís Andrade Bizerril

Adaptação para textos teatrais: experiências práticas em cursos de teatro

Orientador: Prof. Dr. Tiago Mundim

Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura em Artes Cênicas apresentado ao Departamento de Artes Cênicas do Instituto de Artes da Universidade de Brasília.

Brasília, setembro de 2024

Trabalho de conclusão de curso de Taís Andrade Bizerril, apresentado à Universidade de Brasília - UnB, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Artes Cênicas.

Banca examinadora:

Professor Dr. Tiago Mundim - IdA/ CEN/ UnB

Orientador

Professora Dr.^a Ângela Barcellos Café - IdA/ CEN/ UnB

Examinadora

Professor Dr. César Lignelli - IdA/ CEN/ UnB

Examinador

RESUMO

Esse trabalho tem o intuito de demonstrar, de forma prática, maneiras de se adaptar textos, filmes ou obras para serem usadas em processos acadêmicos, de montagem de peças, dentro de cursos de teatro para crianças no Distrito Federal. O objetivo principal não é apresentar um manual e/ou um guia a ser seguido para o trabalho com adaptações, e sim apresentar caminhos e possibilidades para a adaptação e defender que cada processo é único. No primeiro capítulo é vista a pesquisa sobre adaptações e maneiras para estruturar esse trabalho em cima da obra original, já no segundo capítulo demonstro, através de tabelas e comparação de fotos, a minha própria forma de adaptar textos para o curso de teatro *Néia e Nando* e o porquê de cada adaptação feita.

Palavras-chave: Adaptação. Caminhos. Possibilidades. Processos de criação. Crianças. Adolescentes.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, minha mãe Tania Andrade e meu pai Marcelo Bizerril, por todo o apoio que me deram, não só na minha graduação, mas em toda a minha trajetória artística ao longo dos anos. Mas queria agradecer principalmente minha mãe, que é a mulher mais forte que eu conheço e minha maior inspiração, obrigada por não me deixar desistir das coisas que eu amo e sempre estar do meu lado para tudo.

À minha namorada, Bruna Dias, por todo o amor e parceria. Te agradeço por estar na minha vida e me apoiando em todas as loucuras, acreditando em mim mesmo quando eu não acredito.

Ao meu orientador, Tiago Elias Mundim, por toda a ajuda durante o processo de escrita, mas também por todos os ensinamentos que já tive com ele, dentro e fora da sala de aula. Obrigada por toda a paciência e acolhimento, nem precisei reclamar nas redes sociais porque você ajudou a tornar todo esse trabalho mais leve.

À minha família artística, Néia e Nando Cia Teatral, onde fui criada e pude evoluir por tantos anos. Sou a artista que sou hoje graças aos ensinamentos dos incríveis diretores Néia Paz e Nando Villardo, além de outros incríveis artistas que já tiveram suas trajetórias nesse lugar que chamo de casa. Obrigada por acreditarem na minha arte.

Aos professores e mestres que já tive a honra de trocar experiências e aprendizados. Dentro da graduação e no mundo artístico. Aprendi tanto para poder exercer minha função de atriz, mas também pude aprender muito com experiências diversas para me tornar a professora que sou hoje.

Um agradecimento especial aos meus amigos próximos que me aguentaram em pequenos surtos e tentativas dramáticas de desistência do trabalho. Me deram força para continuar e me apoiaram até o fim. Além dos meus queridos alunos e colegas - professores e monitores - que já tive o prazer de compartilhar a sala de aula. Obrigada especialmente aos que foram citados nesse trabalho, assim como todos os outros também têm um lugar muito querido no meu coração, obrigada por confiarem no meu trabalho como arte educadora.

Por fim, mas não menos importante, eu queria agradecer à Taís de 5 anos que se apaixonou pelo teatro, à Taís de 14 que decidiu batalhar pra trabalhar com arte e todas as outras Taís que se esforçaram tanto para conquistar tanta coisa e realizar tantos sonhos dentro da sua própria arte. A gente conseguiu mais um passo, pequena.

SUMÁRIO

Resumo	4
Agradecimentos	5
Sumário	6
Introdução - Começando a preparação	7
Capítulo 01 - Fazendo os devidos ajustes	11
Por quê?	14
O quê?	18
Como?	19
Capítulo 02 - Para que possamos fazer juntos	22
1. Clube dos 5	22
1.1 Escolha da peça	23
1.2 Escrita do roteiro	23
1.3 Principais adaptações	24
1.4 Adaptação <i>versus</i> Filme de referência	27
2. Waitress	31
2.1 Escolha da peça	32
2.2 Escrita do Roteiro	32
2.3 Principais adaptações	33
2.4 Adaptação <i>versus</i> Musical de referência	37
Considerações Finais - Hora de abrir as cortinas	44
Referências	45

INTRODUÇÃO - COMEÇANDO A PREPARAÇÃO

O intuito deste trabalho é dialogar sobre a adaptação de textos teatrais para a apresentação de montagens acadêmicas, voltadas para a faixa etária dos 12 aos 18 anos. Trata sobre conversas entre a teoria de contação de história, obras literárias transformadas em cenas e de adaptação de filmes e peças, e experiências pessoais minhas com adaptação de textos para turmas de diferentes faixas etárias em um curso de teatro.

Como, além de escrever ao lado de diferentes autores, também vou trazer para esse trabalho experiências pessoais, iniciarei me apresentando antes de abrir as cortinas para o público.

Meu nome é Taís Andrade Bizerril, atualmente tenho vinte e três anos e trabalho como atriz desde os catorze, ou seriam doze? Ou até nove? Um pouco confuso de definir já que a arte esteve presente na minha vida desde muito nova. Meus pais me levavam para assistir peças teatrais por Brasília desde os meus três aninhos de idade. Sempre fui daquelas crianças que responde aos artistas nas peças, que ama participar e que se voluntaria para fazer as coisas no palco. Em resumo, bem atentada e bem apaixonada por arte.

Com cinco anos, comecei a fazer o curso de teatro da *Néia e Nando Cia Teatral*, os mesmos responsáveis pelas peças que eu assistia, já que se apresentavam em vários shoppings da cidade e na Escola Parque da 308 sul. Desde então eu não parei mais: fiz vários anos de curso, continuei assistindo aos espetáculos e indo atrás de participar do que eu podia. Com nove anos, a diretora e professora da UnB da Faculdade de Comunicação, Denise Moraes, foi até o curso à procura de crianças da minha idade para participarem de um curta metragem. Após muitas crianças e muitos testes, fui selecionada e fiz meu primeiro trabalho profissional, o curta de nome *Memória de Elefante*. Fiquei ainda mais fascinada com a atuação, fiz outros dois filmes longa metragens e vários curtas para o curso de cinema do IESB. Mas foi em 2014 que iniciei como atriz da *Néia e Nando Cia Teatral*.

Essa companhia de teatro funciona da seguinte maneira: às vezes certos alunos do curso são convidados para participar de uma peça que eles apresentem (isso já tinha acontecido comigo alguns anos antes), sendo quase como uma “participação especial”. Mas quando eu tinha treze anos, comecei a fazer as aulas de dança que os atores da companhia

faziam e entrei para o corpo de baile¹ da peça *Rei Leão*, que iria estrear no fim de semana seguinte e ficaria por um mês em cartaz. E assim começou minha trajetória de peças todo final de semana em diferentes lugares, durante oito anos. Sempre peças diferentes, com personagens diferentes e histórias conhecidas, originais e adaptadas.

A *Néia e Nando Cia Teatral*² trabalha principalmente com lançamentos e clássicos da Disney, que atraem as crianças há anos para os teatros. As adaptações são feitas pelos diretores ou pela própria equipe de atores, que tem o texto base (roteiro do filme) e vão analisando o que pode ser passado para o palco. Tive a oportunidade de adaptar o roteiro do filme da Disney *Encanto*, para se tornar peça na companhia, mas isso veremos mais adiante.

O momento no qual a adaptação entrou e fez mais parte da minha vida foi quando comecei a dar aula no mesmo curso de teatro que eu tinha feito tantos anos antes. Me tornei professora da *Néia e Nando* em 2021, quando o curso voltou à ativa após a pandemia da COVID-19. Desde então, já tive turmas com faixas etárias de 8 a 10 anos, 10 a 13 anos e 12 a 16 anos.

Dentro de sala de aula, como professora, escolhi seguir um caminho de montar peças e obras já existentes, mas que tivessem influências minhas e dos meus alunos. Com isso, pude colocar em prática, usando as minhas experiências prévias como atriz, as adaptações de texto para os meus alunos que serão discutidas neste trabalho. Minha ideia principal como adaptadora é conseguir trazer mais opções de narrativas e personagens para os alunos e, para conseguir atender a todas as demandas e especificidades da turma, nem sempre consigo utilizar a obra por completo e em sua forma original.

Muitas coisas são consideradas na hora de transformar certas obras em peças teatrais, principalmente quando estas serão performadas por atores mirins em formação. É preciso pensar: a duração da peça para os atores e público; a linguagem utilizada; a quantidade de alunos; a estruturação de cena; os figurinos e cenário; além de efeitos especiais, quando são

¹ Chamamos assim a figuração, coro, ensemble. “**Ensemble:** O ensemble é aquilo que você pode chamar de coro. O termo, vindo do francês, significa literalmente ‘conjunto’, são todos aqueles atores que estão no palco e não necessariamente têm um personagem, estão lá para ajudar nas músicas de coro, nas grandes coreografias” <https://www.backstagemusical.com.br/single-post/2018/08/05/the-show-must-go-on-entenda-as-fun%C3%A7%C3%B5es-de-cada-ator-para-o-musical-n%C3%A3o-parar#:~:text=Ensemble%3A%20%20ensemble%20%C3%A9%20aquilo.de%20coro%2C%20nas%20grandes%20coreografias>. Acesso em: 12 de julho de 2024.

² Companhia de teatro focada no público infantil que atua em Brasília há 25 anos. Com os donos e idealizadores Nando Villardo e Néia Paz, que levam o nome da companhia e do curso teatral, que funciona há mais de 20 anos.

necessários. Meu trabalho dentro de sala de aula, como diretora, e fora, como adaptadora de texto, se juntam e formam a professora que sou hoje.

Desta forma, no presente trabalho, pretendo expor minhas experiências como professora/diretora e adaptadora das peças dos meus alunos. Contarei o meu processo³ de adaptação para os espetáculos e como chegamos ao resultado que foi apresentado, dialogando com pesquisas que auxiliam na explicação da forma que criei de adaptação, pois é muito difícil seguir um modelo específico da adaptação, já que teremos diversos fatores que vão interferir, como a própria obra.

A primeira pergunta que será feita é: por que se adapta o texto? Por mais que se adapte o texto para no final termos o resultado e a apresentação da maneira que foi pensada, a adaptação é feita por motivos anteriores ao resultado. Precisamos entender o nicho que essa peça será inserida. Todo o contexto no qual acontece as aulas e as apresentações: as informações da turma, idades, quantidade de alunos, nível de atuação, é importante também entender um mínimo da plateia, do ambiente que ela será apresentada e quais são os objetivos daquela determinada apresentação.

No caso da minha experiência, o nicho apresentado - curso de teatro para crianças - segue um padrão em todos os lugares nos quais tive contato e experiência. Existem as crianças que fazem os cursos que gostam de apresentar diferentes peças e se encantar com os mundos e personagens, e temos também os pais dessas crianças que querem ver os filhos fazendo alguma coisa que eles considerem legal no palco.

Como professora de teatro desses cursos pagos, preciso tentar satisfazer essas expectativas e também mostrar e abrir portas para caminhos diferentes das mesmas peças que são apresentadas, no contexto em que esses pais e alunos estão inseridos. Com isso, a depender da obra que os alunos irão montar, precisam ser feitas adaptações para a apresentação da mesma. Por exemplo, seguindo a idade dos alunos e a permanência do público no teatro, as peças não podem ser muito longas, do contrário a situação em que todos estão inseridos se torna cansativa.

A linguagem é outro fator delimitante: a dificuldade em se trabalhar com uma linguagem arcaica com crianças é a confusão de entendimento delas do texto, ao mesmo

³ Como professora tenho experiências nos cursos da *Néia e Nando* e na *Trupe Trabalhe Essa Ideia*, ao todo foram 9 turmas com adaptações apenas minhas e como contribuinte, já como atriz devo ter mais de 100 peças diferentes feitas diversas vezes em espaços culturais de Brasília

tempo em que não podemos ter um texto tão moderno com gírias e palavrões, pois não seria apropriado para montagens acadêmicas com menores de idade e seus responsáveis assistindo. Muitas vezes também podem existir enredos que não combinam com a idade e têm a possibilidade de serem cortados, assim como podem ter outros assuntos que cabem ao que as crianças gostariam de trabalhar e discutir em cena. A prioridade nessas apresentações é ensinar às crianças, mas também tornar um momento prazeroso para elas e para seu público. Como Alexandre Mate corrobora:

Portanto, e aviso aos navegantes, dramaturgia (do grego drama, correspondendo a ação + tourgia, correspondendo a trabalho de entrelaçamento) precisa ser considerada como uma base que, ao apresentar as ideias, anseios e desejos do coletivo, *mutatis mutandis*, agrega, incorpora, se revisita, decorrendo do tipo de troca de experiência que pretende desenvolver com o público que assiste ao espetáculo (Mate, 2012, p. 86).

Com essa visão sobre o assunto, o autor afirma que todo texto é uma forma de se manifestar, e, com isso, me pergunto: ao adaptar um texto para uma ação teatral “o que eu quero manifestar?” Saber o público para o qual eu vou fazer esse manifesto, vendo o local como uma escola e o público sendo colegas e pais, e a melhor forma de prosseguir. Saber o objetivo que se quer cumprir com aquele manifesto.

Antes de expor minhas próprias perspectivas sobre o assunto, no Capítulo 1 usarei da ajuda de estudiosos para agregar conhecimentos à pesquisa, exemplificando adaptações e discorrendo sobre seus objetivos, fazendo esse diálogo entre os meus estudos independentes e as experiências que tive com trabalhos de autores que pesquisam a linha dramaturgica tanto de adaptações cinematográficas, teatrais e escolares, como para a contação de histórias.

Já no Capítulo 2, descreverei minhas experiências e irei compartilhar dois processos que tive como adaptadora e diretora dentro do curso de teatro *Néia e Nando*, com as peças *Clube dos 5* feita em 2022 e com *Waitress* feita em 2024. Foram experiências com duas turmas diferentes: a primeira com alunos iniciantes de 12 a 16 anos e a segunda alunos já iniciados de 13 a 16 anos.

CAPÍTULO 01 - FAZENDO OS DEVIDOS AJUSTES

Eu nunca tinha estudado adaptação de textos teatrais antes. Nunca havia ido atrás de fontes teóricas e outros estudiosos que falassem sobre o assunto, nem tentei achar um manual. Mas, como disse anteriormente, trabalhei por anos numa companhia de teatro que faz peças para o público infantil todos os fins de semana. Eu cresci artisticamente dentro de um ambiente onde se estava criando e adaptando a todo momento. Se precisava ser feita uma peça de *A pequena sereia*, onde o filme tem 1h23, se passa metade na terra e metade no mar e com vários personagens marinhos, era feita uma peça de 55 minutos onde as crianças ficam vidradas e conseguiam compreender toda a história.

Crianças desde muito pequenas vão assistir às peças da *Néia e Nando* em teatros e apresentações feitas em praças de shopping. Já vi na plateia desde crianças de colo até crianças já crescidas, conhecidas como adultos, acompanhando a história e participando junto com os personagens, seja nas piadas, nas músicas ou até mesmo na trajetória já conhecida que a peça leva. Mesmo com a agitação que existe nas crianças menores, elas se entretêm durante a peça e, quando vão conversar com os personagens no final, comentam sobre o que viram. Já tive relatos de pais falando que a criança voltou para casa contando toda a história da peça. É impressionante a capacidade de prender a atenção de crianças e adultos por tanto tempo e sem precisar de artifícios tecnológicos como telas e plataformas de vídeos como *YouTube*.

Para fazer isso tudo na hora da apresentação, muita coisa foi realizada antes mesmo de começarem os ensaios: cortava cena, adaptava figurino, editava música, jogo de luz, tudo isso que veio da *Disney* era adaptado para o palco da Escola Parque na Asa Sul. Dizendo isso, não quero menosprezar a estrutura de palco que temos para a apresentação, apenas comparar com a *Disney* e toda a estrutura que se vê sendo feita nos filmes originais, que são muito mais grandiosos e com grandes investimentos financeiros e estruturais. Com os cenários e figurinos sendo adaptados para a realidade da Escola Parque, a imersão que se espera é que a plateia tenha a sensação de que estamos trazendo um filme de animação para a vida real no palco.

Crescendo nesse ambiente, fui aprendendo uma estratégia ou outra; acho que, principalmente, despertei em mim essa visão mais ampliada sobre as obras, conseguindo assistir um filme e imaginá-lo em um palco com as crianças apresentando, por exemplo

Em minhas práticas, as adaptações se desenrolaram de forma compreensível e natural. Sendo assim, eu não seguia um método específico e muito menos fazia igual todas as vezes. Acabei criando uma forma na qual eu ia estruturando meus pensamentos e minhas adaptações- conforme abordarei de forma mais detalhada mais à frente -, mas fui tendo uma percepção maior de como resolver as questões que eram colocadas. Por exemplo: se estamos fazendo uma peça em uma praça de shopping e a programação é que a peça dure 40 minutos, tem vezes que, por conta de outros imprevistos, problemas técnicos ou até intervenções da plateia, a peça acaba demorando mais para chegar ao seu desfecho, mas, para cumprir o contrato feito, os atores conseguem finalizar tudo que precisava ser feito na peça nos 10 minutos finais que restaram. Eles fazem isso cortando o que precisam cortar ali na hora, juntando falas, adiantando entradas de outros personagens. Isso tudo acontece de uma forma natural com as pessoas que trabalham lá há mais tempo, por mais que aconteça de uma forma não marcada. Juntei essas experiências e técnicas e botei em prática quando faço as adaptações de textos que utilizo em apresentações dos meus alunos ou até em projetos pessoais.

Quando comecei a pesquisa para este trabalho, me deparei com uma pesquisa de Alexandre Mate que conversa com os meus estudos de adaptação. Ele escreve esse trabalho sobre a adaptação de obras para o contexto escolar, utilizando de perguntas chaves para guiar a organização de ideias e o que precisa ser feito no processo. Me identifiquei com seu trabalho, onde ele traz a importância na estrutura dramática, o começo, meio e fim, assim como personagens e objetivos, além de abordar as perguntas: *QUEM?*, *QUÊ?* e *ONDE?*

Em tese, o QUEM refere-se às personagens. Na adaptação, é importante ater-se às características essenciais delas, destacando, no processo, como já mencionado anteriormente, suas ações (O QUÊ?) – dito seu fazer; seus pensares –, e o que dizem destas. [...] Dessa forma, o ONDE é importante, mas não a sua criação na forma de cenário. O espaço pode ser “mostrado” por meio da fala, de projeção videográfica, de desenhos esquemáticos (Mate, 2012, p 94).

Percebi, com a leitura deste artigo, que também utilizo de perguntas chaves em meus textos e elas são de extrema importância para não me perder nos pensamentos e ideias enquanto estiver adaptando. Não são necessariamente as mesmas que Mate usa: em meus estudos acabei optando por me guiar a partir das perguntas: *POR QUÊ?*, *O QUÊ?* e *COMO?*. As perguntas são fundamentais para não adaptar o que não precisa e se perder do contexto da história e também para não perder detalhes que precisariam ser revistos.

Essa estrutura dramática vai depender de cada processo de adaptação: ela é mutável assim como toda ação dentro desse sistema. Nós, enquanto adaptadores, não podemos fechar um método “correto” e “único” para as adaptações de roteiros pois sempre vai depender do objetivo definido no início e da análise literária da obra. O que podemos usar e compartilhar são os caminhos e procedimentos para chegar em adaptações adequadas para determinado objetivo.

Como a proposta de Mate sugere, antes de começar o trabalho de adaptação, é necessário que seja feita uma análise da obra que será usada, esse é um dos caminhos que trago neste trabalho. É preciso ter a compreensão de como a obra foi originalmente escrita e identificar tudo que existe nela: a estrutura, o tema principal, as personagens e os acontecimentos. Eu, pessoalmente, ainda adicionaria entender as ordens das cenas que serão trabalhadas, ter a consciência do espaço-tempo da peça para que a adaptação funcione da melhor maneira para crianças e atores não profissionais. Como exemplo de adaptar um filme, onde cenas podem acontecer simultaneamente em dois lugares e fica um bate e volta, deve ser feita uma análise para entender se a adaptação vai manter o bate e volta, e ver como irá dividir o espaço, ou se as cenas serão juntadas e acontecerão uma em seguida da outra; deve haver essa análise geral da obra para a adaptação ficar mais compreensível e eficaz para o público.

Outra autora que me ajudou a entender mais sobre contar as histórias foi a professora da UnB Ângela Café em seu livro *Princípios e fundamentos para o contador de histórias aprendiz*. Além de concordar com as perguntas chaves para entender antes de compartilhar a história adiante, ela também traz outro caminho que podemos utilizar, a discussão sobre a dinamicidade cultural que ocorre com as adaptações que são feitas em diferentes momentos. Café (2020, p. 154) complementa dizendo que “As formas que cada um elege para estudar e preparar a história são tão pessoais quanto a própria escolha do texto”.

Essas semelhanças que encontrei entre a adaptação de texto dentro do teatro para crianças e os fundamentos estudados para a contação de história me ajudou muito em minhas pesquisas. Assim, consigo ver os dois tipos distintos de demonstração de arte, mas que se encaixam nos seus momentos de preparação. Pode-se dizer que, apresentar uma peça de teatro é como contar uma história, escrever um texto para que outras pessoas contem; é como se eu estivesse estruturando o que eu quero contar através dos textos adaptados, para que os próprios atores possam atuar. E, no caso da minha pesquisa, ajudo os meus alunos a contarem

diferentes histórias que já foram escritas por outros autores. Me fez entender que esse objeto de estudo - os textos a serem adaptados - que venho trabalhando em todos esses anos de experiências e em todos os trabalhos que faço como diretora é um projeto único, e sempre vai ser modificado através do objetivo que vou ter com determinada turma ou montagem.

Cada adaptação será única e a história vai se revelando cada vez mais com cada um que a expõe de uma maneira diferente. Sinto que isso ocorre principalmente por conta do objetivo final de cada adaptação. As vezes terão coisas que serão adaptadas por motivos práticos, não ter elenco suficiente ou algo não ser possível de ser trazido para realidade, mas também ocorrem mudanças propositais, para nos mostrar algo, dar destaque ou representatividade.

Elas nos mostram que as histórias apresentam variações em cada versão de quem conta. Muitas vezes, apontam traços culturais de determinadas épocas, lugares e povos, revelando suas peculiaridades e curiosidades (Café, 2020, p.157).

Mas também não podemos fazer adaptações apenas por fazer, ou modificar alguma coisa grande dentro de um texto sem ter um objetivo concreto com isso. Precisamos tomar cuidado quanto às adaptações que pensam apenas em “ficar bonitas” ou “entrar na moda”. Tudo que é feito dentro de uma adaptação de texto tem que ser pensado para não se tornar “informações jogadas”, tudo tem que seguir um mesmo conceito.

É bom, é importante inventar e recriar histórias desde que o trabalho seja acompanhado de um conceito claro do que é uma narrativa qual o seu propósito, função e estrutura (Regina Machado apud Café, 2020, p. 158).

Por quê?

Falei anteriormente sobre o “objetivo com a adaptação” e acredito que, na minha prática com essas modificações textuais, é a questão mais presente. Considerando que temos um acervo grandioso de obras teatrais que poderiam ser usadas, textos que já foram apresentados em cursos de teatro, tantas possibilidades na internet já prontas, vendo tudo isso que já está de fácil acesso para professores e diretores teatrais vem o questionamento: Por que adaptar o que já temos? Se eu vou montar qualquer manifestação artística que seja, tenho que ter um objetivo, seja de evolução de processo com a turma, seja de impactar o público que irá assistir. Então, para começar a entender quais são os focos que tenho para adaptar, preciso entender o meu objetivo final. Saber o que vou adaptar na obra, e para saber isso preciso

definir a finalidade. Qual é o “porquê” de eu estar adaptando isso. Considerando o contexto de um curso de montagem com crianças, separo em dois tipos de “por quês”.

Podem ser porquês “práticos” - vou chamar de “práticos” como minha nomenclatura usual -, que seriam situações físicas e de praticidade da montagem. Vamos ter várias questões ao longo de processos com turmas diferentes nos cursos que existem em Brasília e que tenho contato. Como exemplo, temos adaptações para a praticidade daquela estrutura de turma específica: caso tenhamos uma turma de poucos alunos: preciso cortar personagens; de muitos alunos: preciso aumentar a quantidade dos personagens; se tem uma turma só de meninas: então eu vou adaptar um personagem para ser feminino; se tem uma turma de nível iniciantes: então tenho que trazer uma versão mais fácil do texto.

Muitas vezes esse porquê prático pode ser da própria estrutura do teatro que seja apresentado. Por exemplo⁴: o musical da *Broadway Beetlejuice* veio para o Brasil com a *BB Seguros* e foi apresentado em temporadas nos períodos de outubro de 2023 a abril de 2024. As apresentações foram feitas no *Teatro Liberdade* em São Paulo, que tem uma ótima estrutura para o espetáculo, mas precisaram ser feitas adaptações entre a montagem original da *Broadway* e a feita no Brasil em certos detalhes por uma pequena diferença na estrutura do palco. Na versão apresentada em Nova York, dois personagens logo no início da peça acabam falecendo depois de caírem em um buraco que se abre no chão (Figura 02); no cenário e no palco do *Winter Garden Theatre*, em Nova York, onde o musical é apresentado, existe um alçapão que se abre e os atores caem para debaixo do palco. Mas no teatro usado para a versão brasileira, não existe essa estrutura específica, então foi feita uma leve adaptação - digo “leve” porque não afeta o resto da história, o importante para o contexto geral é que eles morram e não necessariamente a causa -, e eles perdem a vida por conta de um curto circuito de fios na parede (Figura 01).



Figura 01: *Beetlejuice* Brasil (*Beetlejuice*, 2024)

⁴ Disponível em: https://youtu.be/m0VA5iD_YOY?si=JsKfZfQDh7LAKxdd Acesso em 09 de setembro de 2024.



Figura 02: *Beetlejuice Broadway* (*Beetlejuice*, 2020)

Ou podem ser adaptações de porquês estéticos, políticos e/ou sociais. Esta outra situação seria mais ligada ao conteúdo do texto para despertar algo na plateia.

Quem conta um conto aumenta um ponto! Esse ditado popular ilustra o que acontece com as histórias e revela como as narrativas vão se transformando ao longo dos tempos, comprovando a dinamicidade da cultura. Hoje temos muitas versões de contos tradicionalmente conhecidos que são alterados propositalmente (Cafê, 2020, p. 157, grifos da autora).

Caso queira produzir uma peça com mais representatividade LGBTQIA+, por exemplo, então vou trocar o gênero do personagem para que fique um casal de duas mulheres; ou vou trocar o perfil da personagem: quero uma mulher mais gorda, quero perfil de uma pessoa albina, negra, etc. A ideia é se tornar algo mais social, e trazer uma visão diferente do que a obra trouxe em sua versão original.

Por exemplo: o *best seller* mundialmente conhecido *Harry Potter*, da escritora J. K. Rowling, já ganhou várias adaptações para diferentes veículos de comunicação. Temos os clássicos filmes, jogos para diferentes plataformas virtuais, livros em gravuras e muitos produtos comerciais. Uma das adaptações mais atuais que presenciamos foi a peça teatral na *Broadway* da adaptação do livro *A criança amaldiçoada*, da mesma autora da série de livros previamente citada. Nessa obra, podemos ver os mesmos personagens conhecidos nas histórias contadas anteriormente, mas quase 20 anos depois do final da série de livros. Mas o que eu quero contar sobre essa montagem é que a personagem Hermione Granger (Figura 03), conhecida por ser interpretada pela atriz Emma Watson - uma atriz branca -, é vivida por uma atriz negra nas montagens teatrais. A cor da pele é indiferente para o contexto da história, mas muito profunda de significado e representatividade.

Nos livros originais, Hermione é descrita como uma menina de cabelos crespos e estranhos, ser muito inteligente para sua idade e não ser considerada puro sangue por ter pais não mágicos; ela sofre muitos preconceitos ao longo da saga por não ser da “mesma raça”

que os outros bruxos. Quando as fotos de divulgação da peça foram lançadas - e até os dias de hoje - são feitas muitas reclamações quanto à troca do tom de pele da personagem. Na minha opinião, trouxe uma representatividade absurda e empoderamento de mulheres negras: a personagem na peça é extremamente inteligente e está no topo de poder na hierarquia da história. Foi uma adaptação que não muda o contexto geral da história, pois o foco do que está sendo contado não entra nesse mérito, mas traz uma representatividade para quem está assistindo. Uma adaptação “simples”, mas que faz com que o público pense e discuta diferentes assuntos.



Figura 03: Hermione Granger: (Esquerda) Emma Watson nos filmes, (Direita) Noma na peça.
Fonte: Veja SP⁵

Enquanto no primeiro exemplo de porquês temos uma visão de adaptação para o processo e com o foco no que precisa ser adaptado para ter a montagem, no segundo exemplo temos adaptações que interferem mais no resultado final e na apresentação que será feita. As exemplificações foram voltadas para produções profissionais; se tratando de um curso voltado para o público infanto-juvenil, as adaptações normalmente são feitas para se adaptar à idade em que as crianças estão, ou preferências pessoais da turma.

O que pode acontecer, e já aconteceu comigo, é de uma aluna não se sentir confortável ou ter vergonha de fazer um personagem masculino. Mesmo que seja ensinado e mostrado que no teatro você pode ser o que quiser e ser coisas diferentes, às vezes, a depender da idade da criança, isso não vai mudar a percepção dela. Sendo assim, uma adaptação é trocar o gênero do personagem. Na peça *Alice no País das Maravilhas*, apresentada em 2023 por uma turma da escola de teatro *Trupe Trabalhe Essa Ideia*, cheguei a fazer a troca onde os gêmeos Trilindindim e Trilindindam seriam duas meninas gêmeas. Isso

⁵ Disponível em:
<https://vejasp.abril.com.br/coluna/pop/emma-watson-encontra-hermione-de-8220-harry-potter-e-a-crianca-amal-dicoada-8221-e-publica-mensagem>

não mudaria nada na história, mas resolveria uma questão pessoal que foi colocada para o diretor/professor.

O quê?

Segundo Mate (2012), a próxima etapa a se seguir nessa estrutura dramática da adaptação seria entender “o quê?” deverá ser mexido naquele texto. Dentro do estudo do texto que falei anteriormente, o que deveria acontecer é que temos que nos atentar a estrutura geral da história que vamos contar. Por isso é de extrema importância saber e consumir a obra que será utilizada, seja ela texto dramático, filme, série ou qualquer outro estilo.

Vários pontos precisam ser questionados e pensados durante o processo, desde a quantidade de páginas ou tempo de peça, quantidade de personagens, linguagem utilizada entre gírias e palavrões, efeitos especiais que poderiam ser usados no teatro, entre muitos outros a depender da obra. É trabalho do adaptador já pensar nessas soluções durante a escrita adaptada do texto. Óbvio que muitas situações acabam aparecendo durante o processo de construção da peça, mas no momento da escrita já se pode adiantar algumas soluções.

Uma experiência minha com adaptação de um filme da *Disney* para os palcos se encaixa nessa questão. O filme *Encanto* é mundialmente conhecido entre crianças e adultos, contando a história de uma família que tem superpoderes, como: superforça, criar flores e plantas gigantes, super audição, transformação de corpo, entre outros. O filme apresenta personagens cativantes e muita magia para dentro das casas de quem estiver assistindo, e a versão feita pela *Néia e Nando* nos palcos de Brasília não foi diferente, foi apenas adaptada para a nossa realidade.

Quando escrevi o texto junto com a atriz Ludmylla Geiger, pensamos já em soluções que poderíamos trazer para os poderes apresentados no filme. A superforça de uma das personagens seria representada pelo levantamento de rochas feitas de isopor ou objetos que a atriz fosse capaz de levantar (Figuras 4A e 4B); o poder de controlar o tempo e o clima de outra personagem seria adaptado através de efeitos sonoros e de iluminação; o poder de prever o futuro de outro personagem era uma mistura de iluminação, som e pessoas do *ensemble*. Ao longo da adaptação, foram feitas alterações de roteiro e de como o andamento da peça seguiria, colocando também interações com a plateia e piadas clássicas da companhia.



Figura 04A: (Esquerda) personagem Luisa Madrigal, do filme *Encanto*. Fonte: Divulgação;
Figura 04B: (Direita) Atrizes Tais Bizerril e Marina Castro, *A Família Encantada, Néia e Nando* (maio 2022).
Fonte: acervo pessoal

O que mais ajuda no teatro para crianças são as referências que elas conseguem captar durante o espetáculo de coisas que elas já viram na televisão ou no cinema. Já temos o exemplo das falas do roteiro que são praticamente as mesmas, e ainda com o ator ou atriz trazendo a mesma maneira de falar, a plateia vai identificar como aquilo que ela viu antes. A mesma coisa funciona nas adaptações cênicas, como movimentação, caracterização, cenário, adereços, etc. Considero de extrema importância ter o estudo da obra para identificar e compreender quais são as referências que conseguimos trazer para a apresentação que será feita; elas irão ajudar o espectador a ver a obra adaptada da mesma maneira que ele viu a obra original.

Como?

A próxima etapa da adaptação que Mate (2012) sugere é o momento que colocamos “a mão na massa” e decidimos como serão feitas as adaptações sugeridas, já que anteriormente determinamos os objetivos que a apresentação almeja e o que precisa ser alterado. Nessa situação colocamos a criatividade para pensar o que pode ser mudado e usaremos dos conhecimentos sobre a estrutura do local que será apresentado e produzido, assim como a disponibilidade financeira e de mão de obra, tanto de produção quanto de elenco. Essa fase realmente será individual para cada processo e resolvida de maneiras diferentes a depender de questões maiores que a obra, como plateia, estrutura de espaço, turma ou elenco.

As adaptações que já fiz foram para trabalhos específicos onde eu já tinha um conhecimento prévio do que estava disponível, por exemplo. No curso de teatro da *Néia e Nando* onde dou aula, sei que o processo é semestral, então desde o primeiro dia de aula já começo a analisar as facilidades e dificuldades de cada aluno, já faço trabalhos corporais e textuais para conseguir identificar o nível da turma e saber o grau de dificuldade que tem que ser o texto que trabalharemos. Trabalho na companhia de teatro há muito tempo também e conheço o acervo de figurinos e cenários, então mesmo montando uma peça inédita consigo usufruir das estruturas que já são existentes. Por ser um curso de apresentação voltada para as famílias, sei que a plateia vai ser majoritariamente de familiares e outras crianças, então também já consigo pensar em peças e mudanças para ter uma classificação indicativa aceitável para os alunos e os familiares que irão assistir.

Tendo essas informações, nós sabemos a melhor maneira de ajustar tudo que é preciso para aquele processo específico; em outros casos, ou corremos atrás dessas mesmas informações ou também pode ser feita inicialmente uma adaptação mais superficial que provavelmente voltará a ser adaptada depois ao longo do processo de montagem da peça. Durante a pesquisa da estrutura e a adaptação, devemos “manter os pés no chão” em relação ao que se tem disponível para trabalhar, ter as ideias bem pensadas e trabalhadas para conseguir chegar no objetivo desejado. Assim fugiremos da ideia de se fazer uma adaptação utópica que não poderá ser colocada em prática; a ideia de uma adaptação, principalmente no ambiente de cursos de teatro, é já fazer algo palpável com o que temos em mãos.

O cenário ideal de qualquer professor ou diretor é ter tudo que ele imaginou em suas mãos, mas a depender do curso de teatro, essas ideias acabam se tornando inviáveis para o processo. Querer montar uma adaptação de *Peter Pan* e querer colocar um aluno de 10 anos para ser erguido em cabos de aço é belíssimo quando escrito em um roteiro, mas tem muitas coisas físicas que o aluno não está preparado para executar e muito menos o espaço, como um teatro que não tenha o pé direito alto o suficiente. Desde o momento da escrita do texto de qualquer peça que seja, se você, como adaptador, quer fazer um trabalho específico para aquela montagem, então é necessário seguir os padrões daquela turma e do espaço específico em que ela se encontra.

Não é o trabalho mais fácil e muito menos o mais simples, mas em minhas experiências pessoais, tudo é recompensado durante o processo de ensaios e de apresentação. Quando o professor entrega nas mãos do aluno um direcionamento mais concreto, o estudante conseguirá compreender mais fácil o que lhe foi pedido e nos ensaios irá se concentrar mais na atuação e no momento de apresentação; os alunos estarão mais tranquilos mesmo não

conhecendo totalmente o espaço que estão apresentando. O professor/diretor estar sabendo o que ele pretende com a turma e com a peça facilita o processo de construção do espetáculo como um todo e, nas minhas experiências, entrega um resultado muito mais prazeroso para aqueles artistas que estarão no palco.

É então de extrema importância o adaptador seguir essas perguntas, mesmo que de forma inconsciente, para fazer uma adaptação concreta para o processo em que ele está. Precisa haver o estudo da obra que vai estar sendo trabalhada para que, na hora em que alguma mudança for feita, não afete a trajetória de uma forma negativa. Ao mesmo tempo, que terá que ter o estudo da turma e do ambiente que estarão apresentando. Não existem regras para a adaptação, mas existem pontos que devem ser pensados e levados em conta nestes momentos para o processo e o resultado serem proveitosos para todas as partes, para o diretor, os alunos e a plateia na apresentação final.

CAPÍTULO 02 - PARA QUE POSSAMOS FAZER JUNTOS

A ideia que tive de trazer essas análises mais completas de adaptações minhas é poder relacionar o meu trabalho com a pesquisa bibliográfica que apresentei no capítulo anterior. Os espetáculos que vou apresentar aqui foram realizados com turmas distintas, com suas peculiaridades e propostas completamente diferentes. As duas foram realizadas dentro do curso de teatro da *Néia e Nando* por turmas de inúmeras idades, experiências e dificuldades. O local de apresentação também foi diferente, sendo que na primeira peça eu não conhecia o espaço e não tinha ideia de onde seria apresentado o espetáculo e na segunda eu já tinha noção de onde seria a apresentação antes de começar o semestre e já conhecia a estrutura do teatro.

1. Clube dos 5



Figura 05: Foto da Turma Lua Nova na apresentação final

Essa peça foi a primeira grande adaptação de texto que fiz para a turma Lua Nova⁶ (Figura 05) no curso de teatro *Néia e Nando*. A turma era composta inicialmente por 7 alunos, então veio a ideia de se montar *O Clube dos Cinco*, mas com novas matrículas chegamos a ter 10 alunos apresentando no final, todos na faixa etária dos 12 aos 16 anos de idade. Juntamente com meu monitor, José Santos, escrevemos o texto baseado no filme de 1985 de mesmo nome.

⁶ Cada turma dentro do curso de teatro da *Néia e Nando* recebe um nome novo. Às vezes é escolhido pelo professor, às vezes a turma escolhe junto e tem vezes que a turma já vem com um nome escolhido. Mas é apenas para identificação da turma, nesse caso eu ganhei essa turma de surpresa e ela era totalmente nova. Como eu estava entrando num novo ciclo escolhi o nome sozinha e coloquei Lua (que tem diferentes ciclos) e Nova (por ser nova).

A peça foi apresentada no dia 29 de junho de 2022, às 19:30 de uma quarta-feira no Sesc Presidente Dutra no Setor Comercial Sul.

1.1 Escolha da peça

No primeiro semestre de 2022, fui colocada para dar aula para uma turma que havia se formado no primeiro dia pela demanda de novas matrículas. Anteriormente, eu tinha dado aula com minha grande amiga Ludmylla Geiger em outra turma, mas me foi solicitado que eu assumisse essa turma nova que foi denominada Lua Nova. No primeiro dia de aula tivemos 5 matrículas e mais 2 alunos que estavam pré encaminhados para essa turma.

Foi complicada a escolha da peça, pois eram poucos alunos e de idades diferentes, alguns tinham 12 e outros 16 anos, além de terem personalidades completamente diferentes. Mas essa turma se comprometeu desde o início a fazer qualquer coisa que fosse proposta para eles, mesmo sendo alunos que nunca tinham feito teatro ou que o contato tinha sido mínimo.

A ideia de montar *Clube dos Cinco* veio de outra colega de trabalho em um momento em que eu estava me questionando que peça poderia montar com iniciantes daquela idade. E de primeira achei que poderia ser uma ideia complexa pelo filme ser antigo e ter tantas coisas inapropriadas para a idade, além de ter muitas camadas no desenvolvimento de cada personagem. Mas me apeguei a ideia central do filme: são adolescentes que estão tentando se encontrar nesse mundo. Então pensei logo em possibilidades de adaptação e do trabalho que os próprios alunos poderiam colocar nas narrativas, e quando propus essa peça para o meu monitor José Santos e para a turma todos abraçaram e já começamos os trabalhos.

1.2 Escrita do roteiro

O processo de escrita do texto foi bem dividido entre eu e o monitor⁷. Começamos por assistir ao filme duas vezes, a primeira para entender a história como um todo, assimilando o enredo sem se preocupar com adaptações, e a segunda para já ir anotando o que iríamos cortar de início, coisas que com certeza seriam adaptadas ou piadas do filme que entrariam no roteiro dos alunos. Após estes momentos de visualizar a obra, partimos para a escrita.

Dividimos as tarefas, mas achamos que a maneira mais fácil seria transcrever o roteiro do filme na íntegra para depois conseguirmos modificar de maneira mais fácil. Com o texto

⁷ Toda turma tem um monitor para auxiliar o professor com a turma. Dependendo da forma que cada professor trabalha, as tarefas do monitor vão mudando. Eu gosto de inserir bastante o monitor nos processos, desde escolha da peça, até montagem do texto e direção.

inteiro já tínhamos a noção total do que iria acontecer, tornando mais fácil visualizar o que iríamos cortar e as falas que iríamos modificar sem transformar a cena. A narrativa da obra facilitou para transformar o filme em uma peça teatral, o enredo acontece no tempo cênico de um dia, a grande maioria das cenas acontece num mesmo cenário e só tem alternância nos planos que cada personagem aparece.

Para introduzir personagens novos na trama, foram feitos exercícios e experimentações com os alunos para que eles criassem novos personagens que seguissem os padrões do filme. Antes de tudo fizemos então o mapeamento do filme.

Principais características do filme:

- Personagens adolescentes em detenção escolar no sábado;
- Personagens com características marcantes e trabalhadas em arquétipos: nerd, valentão, esportista, patricinha, etc.;
- Professores rigorosos;
- Problemas pessoais ocultos que eles compartilham em momentos de conforto ao longo do filme.

As principais diferenças do filme e da adaptação feita e o porquê de cada adaptação foram surgindo de acordo com o processo. Tanto com as propostas que os alunos traziam, as demandas do próprio filme, quanto os outros caminhos que foram sendo apresentados ao longo dos ensaios: fomos adaptando para que melhor se encaixasse com aquele processo em específico.

1.3 Principais adaptações

Começarei a expor e de certa forma catalogar as principais mudanças que ocorreram na adaptação que foi feita para a apresentação dos meus alunos. É bom deixar também bem claro que a proposta da peça era realmente uma releitura do filme, uma livre adaptação usando o filme como inspiração e seguindo os cenários e contextos propostos, nunca foi do meu intuito copiar definitivamente o filme. Primeiro que não seria possível por inúmeros motivos, que irei abordar, e porque essa não é a proposta do curso de teatro.

Na tabela abaixo, deixei separado em cada coluna o que ocorria no filme e como foi que ficou na nossa apresentação, usei as perguntas apresentadas no capítulo anterior para ficar mais fácil o entendimento do processo de adaptação. *O quê?* foi decidido enquanto assistimos o filme, a análise do *Porquê?* veio junto com a estrutura do curso e da turma, já a

parte do *Como?* foi feita durante a escrita do roteiro e do processo de ensaio que tivemos no período de fevereiro a junho de 2022.

O quê?	Filme (1985)	Peça (2022)	Porquê?	Como?
Número de personagens principais	7 pessoas (5 adolescentes, 1 diretor, 1 zelador) temos também a presença dos pais em uma participação mínima	10 pessoas (6 adolescentes, 1 diretor, 1 assistente do diretor, 1 zelador, 1 narrador)	Mais alunos foram se matriculando quando a peça já estava em processo	Processo de criação de personagens a partir dos arquétipos apresentados previamente no filme
Linguagem	Muitos palavrões e assuntos inapropriados para a idade dos alunos da turma (sexuais e violentos)	Mais moderna e politicamente correta	Além da questão da idade dos alunos/atores, o público seria composto de pais e familiares	Trocamos e cortamos palavrões, adicionamos gírias. Em situações de coisas impróprias para a idade como uso de bebidas alcoólicas foram adaptadas para o contexto de uma coisa não indicada, mas que ainda seria do meio dos adolescentes, como energético.
Tempo de duração	1h 37min	1h 10min	O texto adaptado ainda sim ficou extenso. Tendo muitos diálogos diferentes para demonstrar a passagem de tempo durante o dia de detenção.	Algumas cenas de transição foram cortadas, diálogos foram cortados e outros adicionados. Foi uma peça longa em comparação a apresentações de curso, mas buscamos dar dinamicidade nas cenas.
Arquétipos/estereótipos trabalhados	Nerd, patricinha, atleta (futebol americano), esquisitona e um rebelde	Nerd, feminista delicada, atleta de futebol, esquisitona, rebelde, artista de teatro, puxa-saco de professor.	Quisemos modernizar alguns personagens, mas sem tirar características originais, além de acrescentar propostas dos próprios alunos.	Exercícios em sala de aula de conhecimento de arquétipos, criação de personagem e construção de perfil dessa personagem dentro do contexto da narrativa.
Destino dos personagens (Allison)	A esquisitona se abre para os colegas que ela é daquele jeito só por não se encaixar nos outros padrões. Os novos amigos querendo ajudar fazem uma transformação total de visual nela para conquistar o atleta.	Ela se mantém esquisitona até o final e os novos amigos apenas conseguem compreendê-la melhor, ela se sente mais pertencente num grupo de pessoas onde todos são diferentes.	Essa finalização de trama no filme é, em minha opinião, contraditória com a mensagem do filme, além de ser uma visão machista da época por ela se encaixar nos padrões que os meninos iriam gostar dela. Adaptamos para	Mantivemos a estética da personagem durante toda a peça e adaptamos o texto para cortar a transformação.

			mudar essa visão nos tempos atuais.	
Uso de drogas	Eles fogem da biblioteca e vão até o armário do John para pegar um saco de maconha. Todos eles acabam fumando e ficando chapados, fazendo eles se abrirem e terem conversas sobre suas vidas e quem são.	Eles apenas fogem da biblioteca e são pegos. John se entrega para que os outros fujam e esse ato de heroísmo faz com que todos se aproximem como amigos, desabafando e compartilhando seus anseios.	Não iríamos fazer alusão a drogas com essa idade de alunos, além de colocar o objetivo da peça mais focado na amizade e na confiança entre eles.	Apenas cortamos qualquer envolvimento com atos e coisas ilícitas, as crianças por terem assistido ao filme para estudar sabiam que havia tido esse corte, mas concordaram e seguiram a adaptação.
John escapando do armário de limpeza	No filme o diretor Vernon prende o aluno numa despesa e ameaça puxar uma briga física, John se assusta e recua. O diretor tranca o aluno lá dentro e ele escapa pela ventilação até voltar para a biblioteca com os amigos.	O diretor ameaça o aluno na presença de sua assistente que o admira. Assim que o diretor sai fica apenas John e a assistente muito nervosa, ele a acolhe e ela o ajuda a voltar para a biblioteca. A assistente na verdade é uma aluna também e acaba entrando para o clube de amigos.	Além de estar criando mais participação para a personagem com seu arco de "redenção", também trouxe mais do lado humano dos personagens e seus problemas que eles iriam discutir.	Adicionamos a personagem na cena e o confronto dela com o diretor, trabalhamos na construção da quebra de expectativa em superiores e pessoas que criamos como modelo na nossa juventude. Cortamos a adicionamos essas situações no texto.
Falas e situações de assédio	O personagem John Bender no filme tem algumas falas e atitudes inapropriadas durante o filme. Insinua assediar a patricinha inúmeras vezes e comenta vários atos sexuais.	O personagem de John se tornou um menino que implica os outros de forma mais irritante, mas sem ser violento nem inapropriado.	Colocamos ele para ser mais inconveniente, com piadas ruins e chatices mais imaturas. Tirando da cena os assuntos que não precisavam ser colocados em prática com essa faixa etária.	Cortamos e mudamos as falas para ficarem mais leves.

Tabela 01: Adaptações de *Clube dos Cinco*

Durante o processo da montagem e até de escrita dessa peça, não separei as adaptações feitas em uma tabela como essa, nem deixei elas separadas assim: na verdade foi um processo bem natural e instintivo. Mas delimitando dessa maneira fica mais fácil visualizar o trabalho feito em cima do texto e da turma. Foi um processo único e funcionou muito bem para os alunos que estavam iniciando sua trajetória dentro do teatro.

As adaptações feitas foram especialmente para essa turma, mesmo que eu quisesse utilizar o mesmo texto para uma outra montagem, seriam feitas mudanças novamente para comportar as necessidades daquela montagem em específico, com a turma em questão. Os

objetivos, públicos e alunos vão mudando e com isso a adaptação da peça também vai mudando. Assim como podemos ver na tabela que algumas coisas nós já fomos arrumando no texto, mas outras foram ao longo do processo e do trabalho em conjunto com os alunos.

A seguir, vamos ver algumas fotos da apresentação feita pela turma em 2022 em comparação com o filme de 1985. Uma coisa que eu quis trazer para a apresentação foram as referências visuais do filme para a peça. Desde o princípio deixei claro que não seria uma cópia da obra original, mas para aqueles que a assistiram identificarem que estamos de certa forma contando essa história quis colocar algumas cenas que os fizessem lembrar do filme. Obviamente, o texto por si só tem muitos diálogos iguais, mas tentar trazer para o palco com as intenções e cenários condizentes com o que foi apresentado anteriormente faz o espectador identificar e relembrar o que já tinha visto.

1.4 Adaptação *versus* Filme de referência

A peça apresentada pelos meus alunos foi gravada - para acervo pessoal deles - e o filme original de 1985 está disponível em plataformas de vídeo como recurso visual, então quis fazer algumas comparações para usar de exemplo de alguns pontos mencionados na tabela anterior.

Os alunos assistiram ao filme como referência para construção de personagem e para entender a história, mas eles foram instruídos a não copiar o que estavam vendo na obra original, e sim apresentarem propostas próprias. Algumas marcações de cena foram feitas com o intuito de seguir a lógica feita no filme, mas adaptada para um palco, além de relembrar cenas clássicas do filme.

Cena inicial (Figuras 6A e 6B), mesmo cenário de biblioteca grande, mesas e cadeiras, alunos sentados afastados um dos outros.

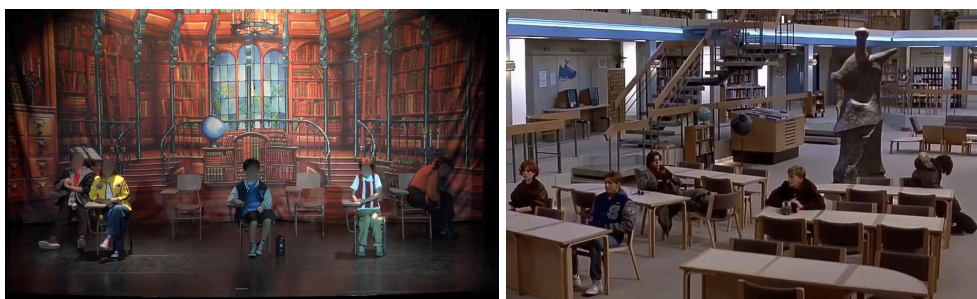


Figura 06A: Foto tirada da gravação de Clube dos Cinco do curso de teatro Néia e Nando.

Figura 06B: Foto do filme *Clube dos Cinco* de 1985. Gravação via Youtube.⁸

Cena da Allison roendo as unhas e todos olhando (Figuras 7A e 7B), no filme ela é uma cena com muitos cortes transitando entre a aluna e os outros colegas a estranhando. No teatro foi utilizada uma marcação de cabeça junto com a sonorização de unhas sendo cortadas.



Figura 07A: Foto tirada da gravação de *Clube dos Cinco* do curso de teatro *Nêia e Nando*.



Figura 07B: Foto do filme *Clube dos Cinco* de 1985. Gravação via *YouTube*.

Cena do almoço onde John julga a quantidade de comida que Andy leva para a detenção (Figuras 8A e 8B). Pegamos diferentes objetos de pessoas que treinam em academia, como garrafas e *whey protein*, além de vários potes para parecer várias marmitas.

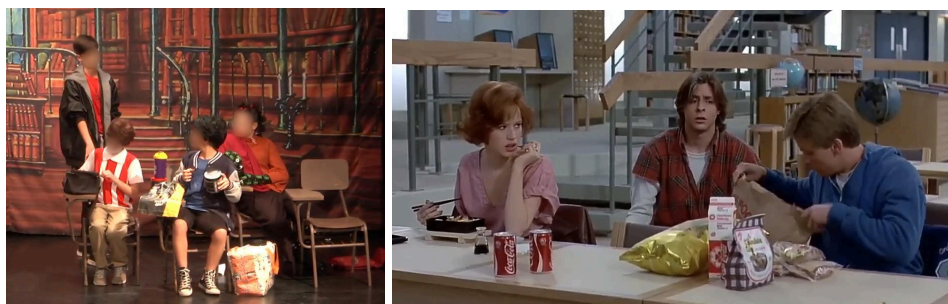


Figura 08A: Foto tirada da gravação de *Clube dos Cinco* do curso de teatro *Nêia e Nando*.

Figura 08B: Foto do filme *Clube dos Cinco* de 1985. Gravação via *Youtube*.

⁸ As cenas do filme *Clube dos Cinco* foram acessadas pelo *YouTube* no seguinte endereço: https://youtube.com/playlist?list=PLHmj2QDB2rkZAn7LZISbhdFrDAshjEe8R&si=OTDNFxGKe_zrvSdm - Acesso em julho de 2024.

Muitos dos exemplos são coisas em comum com a montagem e o filme, mas como mostrado anteriormente tivemos grandes diferenças na nossa adaptação principalmente por ser um curso de teatro com vários alunos e que todos tinham que participar.

Depois do processo de criação dos personagens e das cenas nós tivemos 4 aparições de personagens que não são vistos no filme original. Em sua grande maioria foram criados para essa peça e outros foram adaptados para serem interpretados por outros alunos.

Colocamos narradores (Figura 09) para fazerem a apresentação do contexto da peça e dos personagens, além de fazerem intromissões em momentos específicos.



Figura 09: Foto tirada da gravação de *Clube dos Cinco* do curso de teatro *Néia e Nando* mostrando os narradores nos cantos direito e esquerdo, com Breno⁹ no meio.

Foi criada dentro de propostas feitas em sala de aula a personagem chamada Olívia Vargas (Figura 10), foi criada pela própria aluna que a interpretou no processo. Fizemos estudos e experimentos em sala de aula sobre arquétipos de personagens e assim surgiu a ideia de uma personagem apaixonada por teatro e que seu maior sonho é ser famosa. Teve como inspiração várias personagens conhecidas como Sharpay, de *High School Musical*, e Rachel Berry, de *Glee*, mas criamos um conflito que era explorado no final da peça, como a pressão que colocamos em nós mesmos, a falta de confiança e dificuldade de socializar quando somos mais novos.



Figura 10: Foto tirada da gravação de *Clube dos Cinco* do curso de teatro *Néia e Nando* com a personagem Olívia e os outros ao fundo.

⁹ No filme original o personagem com arquétipo nerd se chama Brian, mas na versão brasileira que fizemos apesar de manter os nomes originais esse era um que para se falar em português era mais complicado por conta da pronúncia. Então foi mudado para Breno.

Foi adicionada junto ao núcleo dos professores uma assistente para o personagem antagonístico que é o Diretor, a Assistente Alice Souza (Figura 11). Eu e o monitor tivemos a ideia base da personagem, uma assistente estudiosa que seria puxa-saco do diretor, e entregamos a proposta para a aluna que interpretou essa personagem. Trouxemos um pouco do arquétipo nerd que já tinha entre as cinco originais, mas criamos outras situações onde ela estaria inserida, trabalhamos essa questão de ela ser uma aluna que endeusa um professor e acaba se desapontando com as atitudes que presencia.



Figura 11: Foto tirada da gravação de *Clube dos Cinco* do curso de teatro *Néia e Nando* com a personagem Alice e os outros sentados.

O último personagem existe dentro da narrativa do filme original, mas só é citado. Na nossa adaptação colocamos ele para aparecer fisicamente para trazer mais tensão para a cena, além de trabalhar o aluno na atuação mais difícil de um personagem com muita raiva. O pai de John Bender (Figura 12) só é citado - e até é imitado por ele - no filme original. Já na nossa peça, colocamos o pai para aparecer e representar esse conflito, que é apenas mencionado na obra de audiovisual, deixando mais evidente na nossa adaptação.



Figura 12: Foto tirada da gravação de *Clube dos Cinco* do curso de teatro *Néia e Nando* com o personagem do pai à frente.

Os outros personagens dentro da narrativa já existem no roteiro original da obra, o que fizemos, no roteiro e no processo de ensaios, foi adaptar algumas coisas de pensamento deles e como eles finalizariam sua trajetória dentro do contexto do espetáculo, como foi apresentado anteriormente.

2. Waitress

A próxima produção que vou analisar será uma peça que foi montada no primeiro semestre de 2024, também dentro do curso de teatro da *Néia e Nando*. A peça se chama *Waitress* e originalmente ela é um espetáculo de Teatro Musical¹⁰ apresentado em Nova York na *Broadway*. Deixando bem claro que o curso onde essa adaptação foi apresentada é voltado apenas para o teatro, então a montagem não conta com estudo de canto e nem de coreografias avançadas.

A primeira vez que eu tive contato com o musical *Waitress* foi em 2019, quando tive a oportunidade de viajar pra Nova York e assistir por acaso o musical, e me apaixonar completamente. Desde então, a história me envolveu e me emocionou, além das músicas se tornarem minhas favoritas. Tive contato com a peça novamente em 2020 quando fiz parte do elenco em uma montagem completa *online* com o *Instituto Lumiere* e depois em 2021 quando participei da montagem como elenco novamente, mas para o curso de teatro musical do *Empório Cultural*, desta vez presencial. Quando participei dentro do curso de teatro do *Empório Cultural*, fizemos uma versão já adaptada dentro da turma, o texto foi reduzido, músicas foram cortadas e foram adicionadas músicas de outros musicais¹¹, adicionaram alguns personagens e outros ganharam mais participação por ser um curso.

Já nessa terceira vez que entrei em contato com o musical foi como professora da turma *Atuadores*: no primeiro semestre de 2024, comecei a dar aula para essa turma junto com a minha monitora Bruna Dias, que anteriormente tinha participado do curso do *Empório Cultural* junto comigo. A turma era composta no início por 15 alunos de idades entre 13 e 16 anos. Ao final apresentamos a peça *Waitress* (Figura 13) com 13 alunos no dia 30 de junho de 2024 no teatro da Escola Parque da 308 Sul.

¹⁰ Espetáculo “que mescla o teatro, a música, a dança e outras modalidades artísticas como elementos estruturantes em um único espetáculo, combinando-os de forma orgânica, harmoniosa e sem uma hierarquia entre eles, no qual todas essas modalidades estejam a serviço do espetáculo com o mesmo grau de importância, mesmo que aparecendo em diferentes proporções” (Mundim, 2021, p. 11).

¹¹ Pela estrutura do curso nós cantávamos músicas que estávamos estudando individualmente dentro da apresentação, mesmo que não fosse do musical que estava sendo apresentado, era criado algum contexto na cena para que ela fosse apresentada.



Figura 13: Foto da Turma *Atuatores* na apresentação final.

2.1 Escolha da peça

No começo do semestre, fui colocada para dar aula para a turma *Atuatores*, que era uma turma que já estava atuando junta a alguns semestres, e a maioria das alunas já tinha uma experiência com teatro e algumas até já participavam de algumas montagens feitas pela própria *Néia e Nando Cia Teatral*. Então desde o princípio eu queria uma peça que pudesse desafiá-las e ajudar a evoluir no trabalho de atuação de cada uma.

Eu e a minha monitora já tínhamos atuado juntas em *Waitress* em uma montagem acadêmica, onde a Bruna fez a personagem principal Jenna e eu fiz a amiga garçonete Becky, e foi um processo muito importante para nós duas e se tornou uma peça que agradava muito às duas. Decidimos então que iríamos montar essa peça com nossa turma, pensando nos desafios e desejos das nossas alunas, com o principal objetivo delas evoluírem ao longo do semestre.

2.2 Escrita do Roteiro

No momento de escrever o roteiro que usamos para essa montagem, tínhamos uma vantagem de já ter alguns roteiros adaptados dessa peça. Eu tinha tanto o roteiro completo que foi versionado¹² por Rafael Oliveira da montagem que fiz *online* quanto a versão do *Empório Cultural*, que foi escrita e adaptada pelo nosso professor Rômulo Mendes e apresentada no curso presencial. O que eu e minha monitora fizemos foi trabalhar na escrita juntas fazendo uma mistura de roteiros que já tínhamos e adicionar adaptações próprias.

¹² Quando pegamos obras originalmente em outra língua, com inglês, não podemos simplesmente traduzir ao pé da letra o que foi escrito, pois muitas vezes se perde o sentido do que foi dito dentro de uma tradução literal. Por isso existe o difícil trabalho de se fazer uma versão em português do que está sendo dito nos textos e nas músicas.

O musical original tem por volta de 2 horas e meia de duração, dividido em 2 atos com intervalo entre eles. Isso é completamente inviável para uma proposta de curso com adolescentes, então pegamos a adaptação feita pelo nosso professor Rômulo Mendes e arrumamos de acordo com o que queríamos para a peça. A ideia era acompanhar os cortes que ele já tinha feito anteriormente, mas aumentar algumas cenas que foram muito resumidas, adicionar algumas músicas que não foram usadas e transformar outras em diálogos.

As músicas dentro de espetáculos musicais têm o papel muito importante de avançar com a história, contando alguma coisa para a plateia, ou até mesmo expor os pensamentos do personagem sobre determinada situação. Dentro da nossa adaptação, as alunas não iriam cantar essas músicas, até porque tinham muitos momentos que não cabia a entrada de música como ocorre normalmente nos musicais. Sendo assim, nós pegamos a letra e fomos transformando em diálogos que se encaixam nas cenas, assim não perdemos parte da história. Segundo Linhares e Mundim (2024), os espectadores acabam entendendo melhor a história - e se agradando mais com a vertente musical dentro do teatro - quando ocorre uma transição mais fluida entre a palavra cantada e a palavra falada. Assim há uma interligação entre os textos e as músicas, não dando a impressão que as pessoas “começam a cantar do nada”. Dentro da nossa adaptação, procuramos proporcionar essa fluidez através da transformação da palavra cantada para a palavra falada.

Isso também aconteceu com as músicas que usamos do musical original, tanto para acrescentar a história como também trabalhar coisas diferentes, como: dublagem, interpretação da música e coreografias. Mas as músicas originais são gravadas em inglês e tínhamos que pensar que nem todos que estão assistindo entendem esse idioma, então na cena antes da música ser tocada nós criamos diálogos que já falassem sobre o que seria dito na música, assim o assunto já era iniciado e mesmo que não se entendesse tudo que era dito o contexto da cena já havia sido apresentado.

Fizemos a adaptação com 15 personagens que se dividiram para aparecer durante toda a peça e ainda adicionamos cenas, que foram previamente criadas para a apresentação feita no *Empório Cultural*, que tinha participação de personagens extras feito pelas mesmas alunas que já tinham personagens principais.

2.3 Principais adaptações

Assim como no processo de *Clube dos Cinco*, a adaptação de *Waitress* seguiu a mesma linha: por já conhecer a história e ter várias referências visuais, tínhamos as gravações

das montagens que participei e da filmagem oficial do musical gravado na *Broadway* no ano de 2023 - foi fácil ter a noção geral do que queríamos fazer com a obra original até chegarmos no resultado do roteiro.

Não separamos as coisas em tabela como vou apresentar aqui, mas seguimos o processo de adaptação com as perguntas para nos guiar durante o processo. Muitas mudanças já foram feitas desde a escrita do roteiro, algumas foram se modificando ao longo do processo com a participação das alunas em suas construções de personagem.

Podemos ver na tabela a seguir algumas das adaptações que foram feitas para esse processo:

O quê?	Musical (2023)	Peça (2024)	Porquê?	Como?
Número de personagens	Elenco da <i>Broadway</i> é composto por 8 personagens principais e por volta de 7 atores dentro do ensemble com personagens menores	Na adaptação tivemos 15 personagens que apareciam ao longo de toda a peça de forma equivalente. Foram criados 5 personagens que tiveram mais participação e outros extras que tiveram aparições rápidas.	A turma era composta por 15 alunos no início e, por ser um curso, todos tinham que ter uma participação importante dentro da peça. Ao longo do processo duas alunas saíram, mas mantivemos as personagens por já fazer parte da história.	A criação de algumas personagens veio baseada no texto do <i>Empório Cultural</i> com adições. Já outros colocamos mais elementos dentro do mesmo contexto, como: mais uma enfermeira dentro do hospital e um ajudante de cozinheiro.
Tempo de duração	2 horas e 25 minutos	1 hora e 13 minutos	A peça de curso tem que ter uma duração menor do que a obra original.	Cortamos várias cenas que não interferiam no enredo e muitas delas foram comprimidas e resumidas dentro de uma única cena. Algumas músicas foram reduzidas ou transformadas em diálogos textuais.

Cenas de transição/ Passagem de tempo	No musical os cenários entram e saem sendo movimentados pelo próprio elenco ou por mecanismos do teatro, além de ter acompanhamento de músicas instrumentais	O teatro que foi apresentado tinha caixa cênica, duas laterais e um proscênio, então cada cenário ficava em uma posição e os alunos iam de um cenário para o outro andando com músicas ambientes ou com mudanças de luz.	O intuito do curso é ensinar atuação, então não era a prioridade dos alunos fazer a troca de cenário como uma produção profissional. Além de que o teatro tinha a estrutura para termos diferentes cenários em locais diferentes.	Foram usadas as coxias entre as cenas, mas em certos momentos previamente marcados com os alunos eles mudavam de um cenário para o outro pelo próprio palco.
Toques físicos	Muitas cenas de beijo e relações sexuais implícitas.	As cenas foram cortadas e algumas adaptadas para <i>blackouts</i> quando acontecia uma aproximação entre as alunas.	As alunas eram menores de idade e não era do interesse da montagem esses tipos de cena, ainda mais considerando a plateia com familiares e outras turmas.	Trabalhamos com as alunas a interação e a parte do romance entre as personagens de forma muito sutil, com intenção nos olhares e nas falas, nos momentos que o toque físico não era necessário ele foi cortado.
Mudança de gênero (Joeny)	Personagem chamado Joe, dono da lanchonete, é um homem mais velho e ranzinza, mas que ajuda a personagem Jenna e cria um carinho por ela.	Personagem chamada Joeny, dona da lanchonete, mulher mais velha, bem dondoca e mal-humorada. Cria um afeto pela personagem Jenna e a ajuda em momentos difíceis.	Surgiu a mudança de gênero no texto do Empório Cultural por conta de muitas meninas na turma. Eu mantive essa escolha por acreditar que criaria um contexto materno com a personagem principal.	Mantive a adaptação feita previamente no <i>Empório Cultural</i> e trocamos o texto que o personagem tinha contando que a mulher dele perdeu uma gestação para ela ter perdido o bebê.
Linguagem com conotação sexual	Muitas conversas com conotações sexuais e palavrões	Palavrões menos violentos, gírias mais modernas e apropriadas para a idade da turma. Conotações sexuais ou foram cortadas ou bem disfarçadas e leves.	Pela faixa etária da turma e da plateia que iria assistir. Colocamos a classificação indicativa da peça para 10 anos por conter alguns palavrões que são usados no cotidiano e tratar de assuntos que não são do interesse de crianças mais novas que isso.	Adaptamos o texto e já entregamos para as alunas com essas mudanças. Mesmo tendo o musical original como referência elas compreenderam que as mudanças foram feitas seguindo a faixa etária delas. Para conforto delas e dos parentes que estariam assistindo a apresentação.

Músicas	22 músicas divididas em 2 atos, cantadas e acompanhadas por uma orquestra.	13 músicas foram dubladas ou interpretadas durante a peça. Algumas tinham coreografias e marcações de movimentos, outras eram apenas sua versão instrumental de fundo para algum diálogo.	Muitas pessoas na plateia não entenderiam o que está sendo dito, então cortamos parte de algumas para serem interpretadas em coreografias, enquanto outras se tornaram diálogos para todos entenderem.	Pegamos as traduções das músicas e fomos adaptando para virarem diálogos em português entre as personagens. Já as originais da <i>Broadway</i> em inglês nós adicionamos diálogos antes delas para que explicassem o contexto.
Personagem da Mãe (Figura 18)	Personagem sem fala interpretado por atriz do ensemble. Aparição em momentos específicos de certas músicas. Não tem nome.	Personagem com várias aparições durante a peça, com falas. Aconselha Jenna em pensamentos fora da realidade. Criamos o nome de Elena.	Em um curso todos os alunos têm que ter participações, não era uma personagem que seria facilmente cortada da história.	Transformamos algumas músicas que a personagem principal fala sobre a mãe para diálogos com a própria, assim como outras participações. Baseado no texto do <i>Empório Cultural</i> com adições.

Tabela 02: Adaptações de *Waitress*.

Como mostrado na Tabela 02, tivemos várias mudanças ao longo do processo de montagem da peça, que incluem cortes de cenas, adaptações de músicas e modificações de personagens. Os principais exemplos de personagens modificados na peça são as Joeny e a Mãe (Figura 14), que já foram previamente explicados na tabela.

Sobre a personagem da mãe da Jenna, na obra original, ela é interpretada por uma das atrizes do *ensemble* e a personagem não tem um nome próprio. Entretanto, é uma personagem interessante e que, mesmo que na obra original não tenha nenhuma fala e pouquíssimas aparições, é muito importante para a dramaturgia do espetáculo. Assim, para a adaptação, não seria prudente somente ser citada, como seria importante realmente ter o personagem presente em cena, ainda mais tendo alunos que não tinham personagens próprios. A personagem principal Jenna tem uma conexão muito forte com sua já falecida mãe, ela é citada em vários momentos ao longo do musical, além de ser lembrada por ter criado a Jenna com tanto amor e carinho. Ela aparece em momentos da peça que a Jenna se distancia da realidade e procura resolver seus problemas com a ajuda da mãe em seus pensamentos e suas lembranças.



Figura 14: Foto tirada da gravação de *Waitress* do curso de teatro *Néia e Nando* mostrando Jenna (esquerda) e sua mãe Elena (direita).

Uma das cenas do espetáculo foi totalmente adaptada a partir de uma música vinda do próprio musical. Na obra original ela está por volta dos 35 minutos do primeiro ato e marca um momento importante para o casal que será formado entre Jenna e o Dr. Pomatter. A cena conta com a música *It only takes a taste* (Figura 15A e 15B), um diálogo musical entre eles se identificando e mostrando interesse um pelo outro, na nossa adaptação pegamos praticamente o diálogo inteiro que ocorre de forma cantada dentro da música e transformamos em texto falado, mas que as alunas iam interpretando o texto junto com o acompanhamento do instrumental da música, então alguns tempos em comum entre a música original e o texto se encaixavam, tornando uma sonorização interessante para a cena.

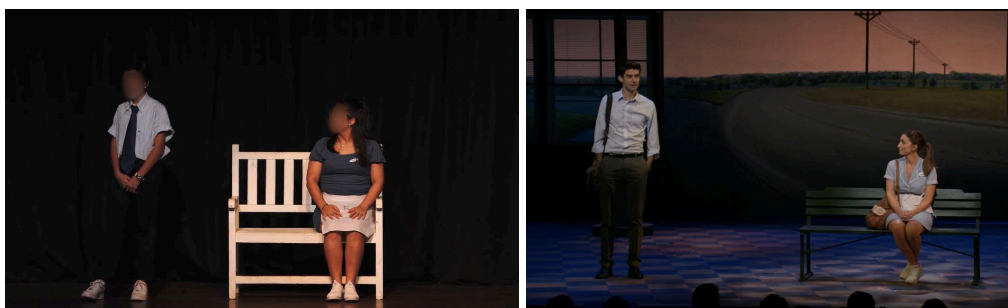


Figura 15A: Foto tirada da gravação de *Waitress* do curso de teatro *Néia e Nando*.

Figura 15B: Foto da montagem de *Waitress* da *Broadway* em 2023, ambas mostrando a cena da música *It only takes a taste*.

2.4 Adaptação *versus* Musical de referência

Veremos a seguir alguns exemplos tirados da gravação que foi feita da apresentação das minhas alunas em comparação com a gravação oficial do musical feito na *Broadway*. Podemos ver que muitas cenas se repetem para criar a referência visual da obra original, ao mesmo tempo que temos coisas que se divergem e tornam a adaptação única para aquele processo.

Um dos pontos que a nossa apresentação mais se divergiu do musical original foi uma cena de quebra da quarta parede onde nossos alunos contavam sobre seus sonhos para a plateia. A ideia surgiu a partir da monitora Bruna Dias quando me sugeriu introduzir essa participação das alunas em construir uma cena onde, assim como as personagens fazem na história, elas compartilhassem seus sonhos e expectativas de uma vida melhor. Durante a cena, que acontecia logo antes da música *Soft Place to Land* (Figura 16A e 16B) que fala sobre os sonhos das personagens, as alunas ainda caracterizadas em suas personagens desciam para os corredores da plateia e se apresentavam com seu próprio nome e começavam a contar os seus sonhos que gostariam de realizar no futuro (distante ou próximo). Segundo Mundim e Lignelli (2019), a música tem um papel fundamental dentro do Teatro Musical de proporcionar a identificação e a imersão da plateia com o que está sendo apresentado. Assim, pretendíamos que a percepção racional e emotiva da cena fosse dividida entre a palavra falada e a música, na qual essa mistura tornasse a cena muito mais completa em entendimento e emoção, como foi o que tentamos realizar com a cena proposta em nossa adaptação.

Para a construção da cena, houve um trabalho individual de cada uma das aulas e direcionamentos das professoras para que elas se sentissem confortáveis compartilhando o que gostariam de falar. Depois participavam de uma coreografia onde a intenção e certos movimentos continuavam com o mesmo contexto antes apresentado.

É preciso acreditar nos sonhos, para ter o sabor da coisa real. Como um estranho que você reconhece. Tão puro, tão elétrico. Tão certo, tão conectado. Para os pequenos que acreditam dentro de nós. Talvez todos nós sejamos sortudos (Tradução livre da música de Sara Bareilles *Soft Place to Land*).



Figura 16A: Foto tirada da gravação de *Waitress* do curso de teatro *Néia e Nando*, mostrando as três garçonetes na música *Soft Place to Land*.

Figura 16B: Foto da montagem de *Waitress* da *Broadway* em 2023, mostrando as três garçonetes na música *Soft Place to Land*.

O início da peça (Figura 17A e 17B) tinha uma marcação acompanhada de um monólogo da personagem principal. No original, eles usam vários objetos cênicos de

utensílios de cozinha e ingredientes, e vão fazendo uma torta. No nosso, já tínhamos as tortas prontas, feitas de EVA¹³.



Figura 17A: Foto tirada da gravação de *Waitress* do curso de teatro *Néia e Nando*.
Figura 17B: Foto da montagem de *Waitress* da *Broadway* em 2023.

A cena onde Jenna descobre que está grávida (Figura 18A e 18B) também é toda interpretada através de uma música no original; na apresentação adaptada, as alunas apenas tinham o diálogo em cena.



Figura 18A: Foto tirada da gravação de *Waitress* do curso de teatro *Néia e Nando*.
Figura 18B: Foto da montagem de *Waitress* da *Broadway* em 2023.

A proposta principal do curso *Néia e Nando* é trabalhar a atuação em cenas teatrais, mas nada impede de o professor inserir coreografias no meio das apresentações. Dentro do nosso espetáculo, tínhamos por volta de 4 coreografias, das mais simples às mais complexas, mas nada que ultrapassasse o limite da turma. A música *What Backing Can Do* (Figura 19A e 19B) foi interpretada pela personagem Jenna e a personagem Elena, a mãe, outras

¹³ Material encontrado em papelaria, utilizado em artesanatos. “EVA é um acrônimo de ‘Ethylene Vinyl Acetate’, o nome original dos componentes químicos que compõem a estrutura desse material; em português, eles seriam o etileno, vinil e o acetato”. Disponível em: <https://www.amseva.com.br/conheca-origem-do-eva-suas-aplicacoes-e-vantagens/#:~:text=EVA%20%C3%A9%20um%20acr%C3%B4nimo%20de,etileno%2C%20vinil%20e%20o%20acetato>. Acesso em: 14 de agosto de 2024.

personagens entraram apenas para dançar, interpretando as antepassadas da família que também cozinhavam.



Figura 19A: Foto tirada da gravação de *Waitress* do curso de teatro *Néia e Nando*, mostrando a cena com coreografia de *What Backing Can Do*.

Figura 19B: Foto da montagem de *Waitress* da *Broadway* em 2023, mostrando cena da música *What Backing Can Do*.

O personagem Joe (Figura 20B) foi transformado em uma personagem feminina chamada Joeny (Figura 20A), que carrega a mesma base de personalidade com alguns toques a mais propostos pela aluna que a interpreta.

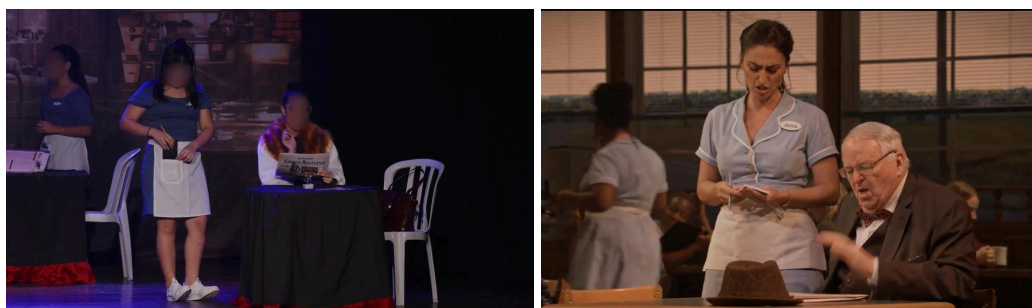


Figura 20A: Foto tirada da gravação de *Waitress* do curso de teatro *Néia e Nando* com a personagem Joeny.

Figura 20B: Foto da montagem de *Waitress* da *Broadway* em 2023 com o personagem Joe.

A relação entre Jenna e Ed¹⁴ é apresentada na obra original sendo muito conturbada e nem um pouco saudável: nada é explícito em cena, mas fica muito bem entendido que ela pode sofrer violência doméstica e psicológica dentro do relacionamento (Figura 21A e 21B).

Na apresentação com as alunas amenizamos essas questões, mas ainda era importante para a história termos esse conflito exposto.

¹⁴ No musical da *Broadway* o personagem se chama Earl, mas na versão brasileira que fizemos apesar de manter os nomes originais esse era um que para se falar em português era mais complicado por conta da pronúncia. Então foi mudado para Ed.



Figura 21A: Foto tirada da gravação de *Waitress* do curso de teatro *Néia e Nando*, com os personagens Ed e Jenna.

Figura 21B: Foto da montagem de *Waitress* da *Broadway* em 2023, com os personagens Earl e Jenna.

A personagem Jenna, mesmo sendo casada, se envolve amorosamente (Figura 22A e 22B) com seu ginecologista, Dr. Jim¹⁵, e eles acabam tendo um caso durante o espetáculo. Como já dito antes, nossas alunas são menores de idade e não era do nosso interesse que elas explorassem esse tipo de envolvimento na apresentação. Dirigimos então para que elas criassem esse vínculo entre as personagens de uma forma mais sutil e nos momentos que eram precisos ocorrer algo amoroso para continuidade da história nós dávamos um *blackout*¹⁶ quando elas se aproximavam para dar a entender que havia ocorrido um beijo, ou as atrizes se abaixavam na maca, ou iam para trás do biombo que tinha no cenário.



Figura 22A: Foto tirada da gravação de *Waitress* do curso de teatro *Néia e Nando*, mostrando o relacionamento entre Jenna e Dr. Jim.

Figura 22B: Foto da montagem de *Waitress* da *Broadway* em 2023 mostrando o relacionamento entre Jenna e Dr. Pomatter.

Tivemos também a aparição de personagens que já existiam no musical original, mas foram adicionadas participações dentro do espetáculo das alunas. A intenção com essas cenas era mais a descontração e trabalhar a parte cômica.

¹⁵ No musical original ele é conhecido pelo seu sobrenome *Pomatter*, mas por uma dificuldade de pronúncia quando passamos essa adaptação para o português mudamos para o primeiro nome Jim.

¹⁶ Termo usado na iluminação de espetáculos para dizer que todas as luzes irão se apagar. Nesse caso elas apagavam todas de uma vez só e bem rápido.

As grávidas (Figura 23) que aparecem na música *Club Knocked Up* aqui apareceram em uma cena de transição da Jenna indo para sua primeira consulta depois de descobrir estar grávida e ficando desconfortável com esse mundo novo que ela estava experienciando.



Figura 23: Foto tirada da gravação de *Waitress* do curso de teatro *Néia e Nando*, mostrando Jenna e o grupo das grávidas.

Tínhamos também pretendentes para a personagem Dawn, no original eles aparecem apenas na coreografia do solo da personagem *When He Sees Me*, mas baseado no texto do *Empório Cultural* eles se tornaram os *Boys do Tinder* (Figura 24) no espetáculo para as nossas alunas. Eles se apresentavam um a um interpretando perfis reais que foram encontrados em sites de comédia pela internet.

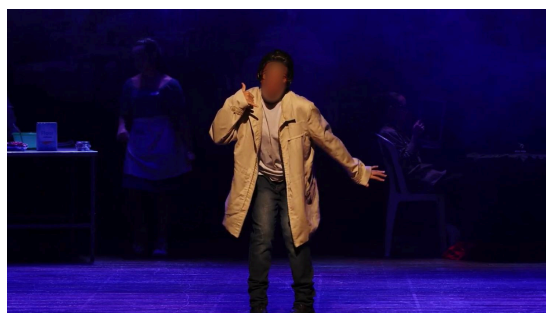


Figura 24: Foto tirada da gravação de *Waitress* do curso de teatro *Néia e Nando*, durante monólogo de um *Boy do Tinder*.

JOSÉ ALFREDO (BOY DO TINDER) - Cansada de procurar o amor da sua vida e só encontrar caras babacas que agem como moleques? Sejam objetivos: sou um cara casado, procurando aventuras. Se quiser relaxar e ter um caso, venha comigo! Sigilo e discrição absolutos (Tirado do roteiro de *Waitress*, Junho de 2024).

Baseado no texto do *Empório Cultural*, foram criadas duas garçonetes (Figura 25) a mais para a lanchonete. Gina e Lisa foram criadas com personalidades baseadas em Gretchen Wieners e Karen Smith, respectivamente, do musical *Meninas Malvadas*. A proposta é que elas ocupassem um papel de antagonistas das três garçonetes originais.



Figura 25: As garçonetes adicionadas na adaptação, Lisa no canto esquerdo e Gina no canto direito. Foto tirada da gravação de *Waitress* do curso de teatro *Néia e Nando*.

Adicionamos também um ajudante de cozinheiro, Oscar (Figura 26) para acompanhar a trajetória do personagem já existente Cal e uma enfermeira, Stacy (Figura 27) para acompanhar a Dra. Francine nas cenas que ocorreriam no consultório. Assim nossos alunos teriam seus próprios personagens que apareceriam igualmente entre os outros alunos.



Figura 26: Foto tirada da gravação de *Waitress* do curso de teatro *Néia e Nando* com os personagens Oscar (direita).



Figura 27: Foto tirada da gravação de *Waitress* do curso de teatro *Néia e Nando* com os personagens Stacy (segunda da esquerda para direita).

CONSIDERAÇÕES FINAIS - HORA DE ABRIR AS CORTINAS

Após apresentar minha pesquisa e expor as análises de diferentes processos chego aqui nas minhas considerações finais, ainda de acordo com a minha ideia inicial, de que cada adaptação vai ser única do processo que ela acompanha. Juntamente com o professor e a turma, ou diretor e atores, a adaptação vai se modificar para os objetivos que foram propostos para aquela situação.

O professor sempre vai estar adaptando e se adaptando ao contexto que está, seja em nichos de curso livres privados mas também é a realidade dos professores do ensino básico. Os caminhos que expus aqui são pessoais meus que podem ser usados novamente, como também podem ser adaptados para o contexto que o professor desejar, especialmente em sala de aula repleta de diversidade e com quantidades grandes de estudantes.

Ressalto novamente que existe certa dificuldade de se formular um manual de adaptação para ser seguido, pois cada profissional trabalha de uma forma e, a depender de situações externas de trabalho, o processo também vai se modificando. O que pode ser feito é tentar utilizar as perguntas chaves - tanto as que eu sugeri como outras também - para acompanhar o processo e ajudar a guiar a adaptação que será feita. Com o uso do “O quê? Por quê? Como?”, a adaptação de texto para qualquer que seja a turma ou proposta de espetáculo tenderá a estar mais organizada e coesa, tornando assim o processo mais leve e confortável para ambas as partes.

REFERÊNCIAS

AFONSO JR - FOTOGRAFIA/FILMES. **Gravação do espetáculo Clube dos Cinco da Néia e Nando**. Brasília, junho, 2022. Acervo pessoal.

CAFÉ, Ângela Barcellos. **Princípios e fundamentos para o contador de histórias aprendiz**. Lisbon international press, Outubro, 2020.

BEETLEJUICE. Montagem Brasil, 2024. Disponível em: <https://youtu.be/2xkbo0xVlgY?si=98djDAzoDOQ18md6> Acesso em 10/09/2024.

BEETLEJUICE. Montagem Broadway Nova York, 2020. Disponível em: <https://youtu.be/UZQj1q1GNPk?si=cB18LIAoSDP8vV3n> Acesso em 10/09/2024.

BIZERRIL, Taís; DIAS, Bruna. **Adaptação de roteiro: Waitress**. Junho, 2024. Acervo pessoal.

HUGHES, John. **Clube dos Cinco**, 1985. Disponível em https://youtube.com/playlist?list=PLHmj2QDB2rkZAn7LZISbhdFrDAshjEe8R&si=OTDNF_xGKe_zrvSdm . Acesso em: 24 de julho de 2024

LAERA, Margherita. **Theatre and Adaptation: Return, Rewrite, Repeat**. London: Bloombury, 2014.

LIMA, Priscila Sandra Ramos de. **A adaptação teatral da obra o mágico de oz: um relato de experiência com alunos do ensino médio**. Revista Docentes, volume 6, 2021.

LINHARES, Thiago Augusto Schuenck Moreto; MUNDIM , Tiago. **Reflexões sobre o tempo-ritmo e a transição entre a palavra falada e cantada no Teatro Musical**. Urdimento - Revista de Estudos em Artes Cênicas, Florianópolis, v. 2, n. 51, p. 1–26, 2024. DOI: 10.5965/1414573102512024e0208. Disponível em: <https://revistas.udesc.br/index.php/urdimento/article/view/24911/17224>

MATA, Iana Maria Andrade da. **Funny Girl: os bastidores da tradução de um musical**. Universidade de Brasília, instituto de letras. Brasília, 2014.

MATE, Alexandre. **Uma proposta de adaptação de textos literários para a linguagem teatral: “Tudo certo como dois e dois são cinco”**. Unesp, conteúdos e didática de artes. Janeiro, 2012. Disponível em: <http://acervodigital.unesp.br/handle/123456789/40522> . Acesso em: 07 de abril de 2024.

MUNDIM, Tiago Elias. **Broadway ou West End: Influências dos musicais anglófonos na produção dos musicais no (e do) Brasil**. Urdimento - Revista de Estudos em Artes Cênicas, Florianópolis, v. 2, n. 41, p. 1–31, 2021. DOI: 10.5965/1414573102412021e0110. Disponível em: <https://revistas.udesc.br/index.php/urdimento/article/view/20441> .

MUNDIM, Tiago; LIGNELLI, César. **Acting Through Song: a música como norteadora para o desenvolvimento das habilidades do ator-cantor-bailarino no Teatro Musical** IN Vozes em Ensaio - Rebento: Revista das Artes do Espetáculo (Unesp), São Paulo, nº. 10, pp. 19-45, junho 2019. ISSN: 2178-1206. Disponível em: <http://www.periodicos.ia.unesp.br/index.php/rebento/article/view/349> .

NELSON, Jessie. **Waitress**. Gravação oficial da Broadway, 2023. Acervo pessoal

PASSOS, Lucas Nascimento. **Da Broadway para Hollywood: As questões das adaptações do Teatro Musical para o Cinema na obra Chicago(2002)**. Universidade Federal da Integração Latino-Americana. Foz do Iguaçu, 2022. Disponível em: <https://dspace.unila.edu.br/items/f390f896-3c8d-48d4-a82e-3bc04e9c2970>